
SONETO, Este Desconhecido

Estudo de autoria de **Paulo Cezar Tórtora**, em agosto de 2022

*membro da ABP — Academia Brasileira de Poesia / Casa de Raul de Leoni;
membro fundador da ABRASSO — Academia Brasileira de Sonetistas;
presidente da AML — Academia Madureirense de Letras (RJ).*

1. SONETO, definição —

O termo (do italiano, *sonetto*) significa *pequeno som*, *pequeno canto* ou *pequena melodia*. É um poema de forma fixa que se apresenta geralmente com 14 versos dispostos em quatro estrofes, sendo dois quartetos (quatro versos) e dois tercetos (três versos). Os quartetos têm sempre duas rimas e os tercetos outras duas, organizados pela métrica, isto é, número igual de sílabas poéticas em cada verso.

Na foto, Petrarca, grande sonetista da literatura medieval



2. SONETO, a origem —

Dentro da dificuldade de se estabelecer a origem precisa do soneto, a maioria dos estudiosos considera seu nascimento tendo ocorrido no sul da Itália, possivelmente na Sicília, entre os séculos XII e XIII. Corresponde a um gênero de poesia que surgiu na Época da Renascença (Renascimento), tendo a influência do estilo clássico dos gregos e dos romanos.

A invenção do soneto é atribuída a **Jacopo (ou Giácomo) da Lentini** (1210 - 1260), poeta siciliano e imperial da corte do imperador romano Frederico II. Surgiu ali como uma espécie de pequena canção ou de letra, escrita para música, executada na corte junto às baladas provençais. Admitem-se outras fontes, em sua maioria, provençais quanto ao seu surgimento, embora sua difusão tenha se dado através dos italianos.

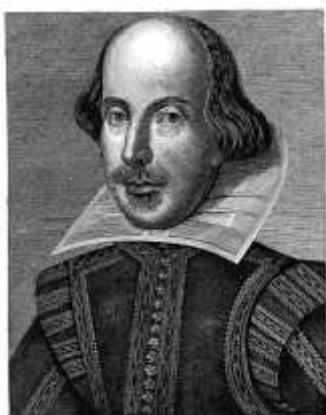
Outro contemporâneo de Jacopo da Lentini e adepto do soneto, foi **Guido Guinizelli** (1235 - 1276), nascido em Bolonha e de quem Dante se considerava discípulo.

Dante Alighieri (1265 - 1321) escritor, poeta e político florentino, nascido na Itália, é considerado o primeiro e maior poeta da língua italiana. O autor de *A Divina Comédia*, em sua infância já compunha sonetos amorosos e é tal a sua grandeza que a literatura ocidental está impregnada de sua poderosa influência, sendo extraordinário o verdadeiro culto que lhe dedica a consciência literária ocidental.

Coube ao fiorentino **Francesco Petrarca** (1304 - 1374) aperfeiçoar e divulgar a estrutura poética textual iniciada na Sicília, difundindo-a por toda a Europa em suas viagens.

Sá de Miranda (1481 – 1558), poeta português, ao regressar de uma viagem que fez para a Itália entre 1521 e 1526, trouxe para Portugal o soneto, introduzindo assim, os versos de dez sílabas.

Luís Vaz de Camões (1525 – 1580, foto) adotou esta estética, compondo diversos sonetos com o *amor* como tema principal e immortalizando o gênero em língua portuguesa.



William Shakespeare (1564 - 1616) foi um poeta, dramaturgo e ator inglês, tido como o maior escritor do idioma inglês e o mais influente dramaturgo do mundo. É chamado frequentemente de poeta nacional da Inglaterra e de "Bardo do Avon" (ou simplesmente *The Bard*, "O Bardo").

Desenvolveu o soneto inglês, composto por três quartetos e um dístico, modelo que, desde o século XVI, adquiriu importância ao redor do mundo, ainda que diferente da composição original de Petrarca.

No século XIX, o soneto voltou com sua força total, sendo cultivado por românticos, parnasianos e simbolistas, sobrevivendo ao verso livre do modernismo e sendo praticado até os dias atuais. Foram, então, os Parnasianos que conseguiram reabilitar e modernizar o soneto. O *parnasianismo* foi um movimento literário que surgiu na França na década de 1870.

No Brasil, esse movimento opunha-se principalmente ao *romantismo*. Adeptos como Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho, Francisca Júlia, Teófilo Dias e, mais recentemente, Ledo Ivo e Vinicius de Moraes, revalorizaram o soneto, fazendo dele um caso único de sobrevivência dum molde literário às revoluções do gosto.

3. SONETO, características —

O **soneto tradicional** é composto por 14 versos com a mesma medida, ou seja, o mesmo número de sílabas poéticas. Os versos são distribuídos em 4 estrofes, sendo 2 quartetos e 2 tercetos. Outro ponto estrutural do soneto é que as sílabas tônicas e as rimas de cada verso podem respeitar uma determinada ordem, de modo a produzir um ritmo e uma sonoridade que constroem os sentidos do poema. O *soneto livre*, também chamado de **soneto moderno**, é uma composição cujo estilo não está subordinado às normas do estilo tradicional.

Exemplo de soneto tradicional, “Soneto”, do poeta Francisco Otaviano:

SONETO

Morrer, dormir, não mais, termina a vida,
e com ela terminam nossas dores;
um punhado de terra, algumas flores...
E, às vezes, uma lágrima fingida.

Sim, minha morte não será sentida:
não deixo amigos e nem tive amores;
ou, se os tive, mostraram-se traidores,
— algozes vis de uma alma consumida.

Tudo é podre no mundo! Que me importa
que ele amanhã se esb’roe ou que desabe,
se a natureza para mim é morta?!

É tempo já que meu exílio acabe...
Vem, pois, ó morte! Ao nada me transporta:
Morrer... dormir... talvez sonhar... quem sabe?

Para alguns poetas, a obediência às regras rigorosas da elaboração do soneto, pode parecer uma tarefa um tanto espinhosa; para outros, nem tanto, acontecendo como algo natural. O fato é que a beleza do soneto está, além do seu conteúdo, é claro, na sua forma, exclusiva, concisa, única e elevada. Cada estilo poético tem suas regras básicas, o que o torna diferente e notável. É assim, por exemplo, com a trova literária que, sem a métrica e as rimas, tornar-se-ia uma simples quadrinha; o mesmo acontece com o haikai, cuja concepção original, japonesa, mantém suas dezessete sílabas poéticas distribuídas em três versos (5-7-5), e daí por diante.

4. SONETO, estrutura e temas —

Os sonetos costumam ter uma estrutura semelhante quanto à organização das ideias: O texto começa com uma introdução, que apresenta o tema, seguida de um desenvolvimento das ideias e termina com uma conclusão, que aparece na última estrofe. Essa é, em geral, a estrofe descodificadora de seu significado. Assim, o último verso é considerado a **chave de ouro** (fecho de ouro) do soneto por encerrar com uma reflexão sobre o tema.



Quanto ao tema, ao assunto do soneto, este deve percorrer as 4 estrofes, não se pode dividir o tema do soneto em partes, tratando uma nos quartetos e outra nos tercetos. Os sonetos falam principalmente de emoções e sentimentos, abrangendo temas líricos, filosóficos, românticos, humorísticos, etc.

5. SONETO, versos e métrica —

5.1) Verso — É cada uma das linhas de um poema.
É a unidade rítmica da composição poética.



Qualificação —

Verso Agudo – é o que termina em palavra oxítona ou em monossílabo tônico.

Exemplos: *trenó, luz.*

Verso Grave – é o que termina em palavra paroxítona

Exemplos: *palavra, servo, bonito, capote, aluno.*

Verso Esdrúxulo - é o que termina em palavra proparoxítona

Exemplos: *apátrida, lépido, insípido, nódulo, súbito.*

5.2) Métrica —

Contagem das sílabas — Na tradição de nossa língua a contagem de sílabas no verso difere da contagem gramatical das palavras na frase. Enquanto nestas são consideradas todas as sílabas, no verso ela se processa como se fala, com a absorção de vogais pronunciadas. A contagem de sílabas poéticas vai até a última sílaba tônica da palavra. A separação de sílabas poéticas denomina-se **escansão**, do verbo *escandir*. Exemplos:

mem – bra – na / prá – ti – ca / es – drú – xu – lo

A metrificação (ou escansão) de sílabas poéticas segue as seguintes regras:

- Conta-se apenas até a última sílaba tônica:
" *E/ can/te eu/ cá/ na/ te/rra /sem/pre/ **tris**/te*" (10 sílabas)
- Sempre que duas vogais de palavras diferentes se encontram no verso, três coisas podem acontecer:
 - a) se ambas são átonas, ficam na mesma sílaba e contadas com uma sílaba;
 - b) se são tônicas, ficam em sílabas diferentes e contadas como 2 sílabas;
 - c) se uma é átona e outra é tônica, podem ficar na mesma sílaba ou não, de acordo com conveniência e escolha do poeta. Sugere-se recitar o verso em voz alta e escolher a forma que pareça mais natural ao falar.

➤ A medição de versos obedece às seguintes particularidades:

Sinalefa: Junção de duas sílabas numa só, por elisão, crase ou sinérese.

Elisão: Supressão da vogal final átona quando esta estiver diante da vogal que inicia a palavra seguinte. (ex.: *eu amo a noite* → *eu / a / **moa** / noi / te*)

Ex. 1) “*Dei-te amor*” (4 sílabas gramaticais) => “*Dei-**tea**-mor*” (3 sílabas poéticas);

Ex. 2) “*Sinto a estafa*” (6 sílabas gramaticais) => “*Sin-**toaes**-ta* (3 sílabas poéticas).

Crise: Fusão de vogais iguais. (ex.: *vamos a + a loja* → *vamos **à** loja*)



Hiato: é o encontro de duas vogais na palavra, mas na separação silábica elas ficam separadas. De acordo com a reforma ortográfica não se acentua mais o **hiato oo(s)** no final das palavras. Exemplo: *voo(s), perdoo, abençoo*.

Cu-ri-o-sos / De-mo-cra-ci-a / So-ar / Te-a-tro / Se-ri-a-do / Di-a / Ca-í

Nas frases em que ele ocorre, as vogais não se fundem quando da leitura do verso.

Exemplos: “*Está a falar.*” “*Cipó alto.*” “*Irá a Paris.*”

Sinérese: passagem de um hiato, no interior da palavra, a ditongo.
(ex.: *ma-go-a-do* → *ma-go-a-do*)

Diérese: é pronunciar um ditongo como se fosse um hiato.
Exemplo: a palavra “saudoso” (cuja pronúncia regular é *sau-do-so*), quando pronunciada como *sa-u-do-so*, forma uma **diérese**].

Uso de sinérese, diérese, crase ou elisão. **Exemplos:**

“O/lei/to/do in/fe/liz/que/mão/trai/**do**/ra”(10 sílabas)
“Mas/dor/que/tem/pra/zer/a/Sa-/u/**da**/de” (10 sílabas)
“Nun/ca/vi/ra em/ minha/vi/da a for/mo/**su**/ra.” (10 sílabas)
“Eu/a/mo a noi/te/so/li/tá/ria e/ **mu**/da” (10 sílabas)
“Du/ran/te a/ noi/te quan/do o or/ va/lho/**des**/ce”(10 sílabas)

6. SONETO, estrofes —

Estrofe é um agrupamento rítmico formado de dois ou mais versos, que, em geral, se combinam pela rima. O soneto pede 4 estrofes, sendo 2 quartetos seguidos por 2 tercetos, ou ainda: 3 quartetos e 1 dístico. O soneto se apresenta mais comumente em três formas de distribuição de versos:

Soneto italiano ou *petrarquiano*: apresenta dois quartetos e dois tercetos;

Soneto inglês ou *shakespeariano*: três quartetos e um dístico, sem divisão estrófica;

Soneto monostrófico: Apresenta uma única estrofe de 14 versos:

Outra forma admite a adição (geralmente de três versos) feita aos 14 versos de um soneto. Esta adição é chamada de *estrambote* e o poema passa a chamar-se **soneto estrambótico**. O termo deriva do italiano *strambotto* (“extravagante, irregular”).

Pentâmetro iâmbico é um tipo de métrica que é utilizado em poesia. Descreve um determinado ritmo que as palavras estabelecem em cada verso. Esse ritmo é medido em pequenos grupos de sílabas; estes pequenos grupos são chamados “pé”, ou “iambo”. A palavra iâmbico descreve o tipo de pé que é utilizado. A palavra pentâmetro indica

que um verso tem cinco pés. *Pentâmetro iâmbico* é, portanto, um verso composto por cinco pares de sílabas curtas/longas, ou sílabas átonas/tônicas, ou cinco *iambos*.

Exemplo: *Condor na **cruz** à **espera do morrer**...* (N. Simaika)
A seguir, alguns exemplos de sonetos de poetas parnasianos:

SONETO (Olavo Bilac)

Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,
Me ouves agora com melhor ouvido:
Toda a ansiedade, todo o mal sofrido
Em silêncio, na antiga desventura...

Hoje, quero, em teus braços acolhido,
Rever a estrada pavorosa e escura
Onde, ladeando o abismo da loucura,
Andei de pesadelos perseguido.

Olha-a: torce-se toda na infinita
Volta dos sete círculos do inferno...
E nota aquele vulto: as mãos eleva,

Tropeça, cai, soluça, arqueja, grita,
Buscando um coração que foge, e eterno
Ouvindo-o perto palpitar na treva.



Olavo Bilac é o autor mais aclamado do parnasianismo brasileiro. No entanto, sua poesia, muitas vezes, contraria a objetividade e recorre a elementos mais subjetivos, como é possível verificar neste [soneto](#), que faz parte da obra Via Láctea:

VASO CHINÊS (Alberto de Oliveira)

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o.
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármore luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura;

Que arte em pintá-la! a gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.



Alberto de Oliveira (1857-1937) era professor e foi considerado o mais perfeito dos poetas parnasianos. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Nasceu em Palmital do Saquarema, no Rio de Janeiro, no dia 28 de abril de 1857. Formou-se em Farmácia em 1883 e estudou Medicina até o terceiro ano, onde foi colega de Olavo Bilac.

AS POMBAS (Raimundo Correia)

Vai-se a primeira pomba despertada...
Vai-se outra mais... mais outra... enfim dezenas
De pombas vão-se dos pombais, apenas
Raia sanguínea e fresca a madrugada...

E à tarde, quando a rígida nortada
Sopra, aos pombais de novo elas, serenas,
Ruflando as asas, sacudindo as penas,
Voltam todas em bando e em revoada...

Também dos corações onde abotoam,
Os sonhos, um por um, céleres voam,
Como voam as pombas dos pombais;

No azul da adolescência as asas soltam,
Fogem... Mas aos pombais as pombas voltam,
E eles aos corações não voltam mais...



Raimundo Correia nasceu a bordo de um navio, na barra de Mangunça, Maranhão, no dia 13 de maio de 1859. Foi um entusiasta pela causa abolicionista e republicana.

Em 1882 formou-se em Direito. No ano seguinte, lançou seu segundo livro, Sinfonia (1883), com prefácio de Machado de Assis, assumindo o Parnasianismo propriamente dito.

FELICIDADE (Vicente de Carvalho)

Só a leve esperança, em toda a vida,
Disfarça a pena de viver, mais nada:
Nem é mais a existência, resumida,
Que uma grande esperança malograda.

O eterno sonho da alma desterrada,
Sonho que a traz ansiosa e embevecida,
É uma hora feliz, sempre adiada
E que não chega nunca em toda a vida.

Essa felicidade que supomos,
Árvore milagrosa, que sonhamos
Toda arreada de dourados pomos,

Existe, sim : mas nós não a alcançamos
Porque está sempre apenas onde a pomos
E nunca a pomos onde nós estamos.



Vicente Augusto de Carvalho atuou também como político (deputado), magistrado, advogado e jornalista. Foi um grande defensor do abolicionismo e do regime de governo republicano.

Nasceu em 5 de abril de 1866, na cidade de Santos (SP). cursou a Faculdade de Direito de São Paulo e, no começo do século XX, atuou como jornalista nos jornais O Estado de São Paulo e A Tribuna.

MUSA IMPASSÍVEL (Francisca Júlia)

Musa! um gesto sequer de dor ou de sincero
Luto jamais te afeie o cândido semblante!
Diante de um Jó, conserva o mesmo orgulho, e diante
De um morto, o mesmo olhar e sobreceño austero.

Em teus olhos não quero a lágrima; não quero
Em tua boca o suave e idílico descante.
Celebra ora um fantasma anguiforme de Dante,
Ora o vulto marcial de um guerreiro de Homero.

Dá-me o hemistíquio d'ouro, a imagem atrativa;
A rima cujo som, de uma harmonia crebra,
Cante aos ouvidos d'alma; a estrofe limpa e viva;

Versos que lembrem, com seus bárbaros ruídos,
Ora o áspero rumor de um calhau que se quebra,
Ora o surdo rumor de mármore partidos.



Francisca Júlia nasceu em 31 de agosto de 1871. Escreveu para jornais como o Correio Paulistano e outros. Seu primeiro livro — Mármore —, publicado em 1895, teve boa recepção da crítica.

Quando o marido faleceu, vítima de tuberculose, a escritora também morreu, em 1 de novembro de 1920, possivelmente devido a um suicídio."

Soneto Italiano (petrarquiano)

PEDRA ROLANTE

Paulo Tórtora
(Petrópolis, RJ – 1947 ...)

Nas noites mais profundas do universo
viaja meu errante pensamento,
em mares de galáxias submerso,
com astros do perene firmamento.

Os ecos abissais com quem converso
repetem, numa voz de estranhamento,
num mundo surreal e controverso:
— És pedra, meteoro em fragmento!

Envolto na miríade celeste
conheço a solidão nua e incontestada,
I'm just a lonely soul without a home.

Fortuito peregrino em seu caminho,
eu levo a minha vida assim, sozinho.
just like a sad unknown, a rolling stone.

Soneto Inglês (shakespeariano)

SONETO INGLÊS I

À Carla Tambelli

No sonho escuto a voz: - amor, saudade...
Num sopro venta ao pé do meu ouvido
Lembrança antiga n'alma, n'outra idade
Palpável - gozo pleno nunca olvidado.
Voz meiga, amada, amiga, em mim, cativa
Chamando: - venha aqui, meu bem-amado...
Voz límpida, alva, leve, livre e altiva
Clamando: - venha aqui, amar-me, amado...
Voz fina, frágil, franca, fiel e fluída
Dizendo: - venha aqui, amor, comigo...
No sonho escuto a voz: - eu sou a vida...
Penetro a voz e, então, no amor me abrigo.
O dia vem, me acorda, estou risonho
Mas penso: - amor... por que acordei
[do sonho?]

(Alexandre Tambelli, São Paulo, 31.01.2010)

7. SONETO, sílabas poéticas —

De acordo com o número de sílabas poéticas os versos dos sonetos são assim classificados (a acentuação tônica — ou pausa — nas sílabas dos versos, pode variar):

Uma sílaba: **Monossílabos** (são raros)

Duas sílabas: **Dissílabos** (também pouco adotados)

Tu, ontem, / Na dança / Que cansa / Voavas... (“A Valsa”, de Casemiro de Abreu)

Três sílabas: **Trissílabos**

Realmente, / Coronel, / Tens uma alma / Bem cruel (“A Certa Autoridade”, de Gonçalves Dias)

Quatro sílabas: **Tetrassílabos** (Quadrissílabos)

No colo a punha, / Então brincando / A mim a unia; / Mil cousas ternas / Aqui dizia (de Tomás Antônio Gonzaga)

Cinco sílabas: Pentassílabos ou **redondilha menor** (acentuação variada)

Virgem dos Remédios (sílabas 1 e 5) / *Mal rompe a manhã* (2-5) / *Escorrendo logo...* (3-5)

Seis sílabas: **Hexassílabos** ou Heroico quebrado (também várias acentuações)

Pálidas margaridas (pausa nas sílabas 1 e 6) / *Nas vagas rumorosas* (2 e 6), etc.

Sete sílabas: Heptassílabos ou **redondilha maior** (também com pausas variadas)

Até nas flores se encontra / A diferença da sorte / Umas enfeitam a vida / Outras enfeitam a morte (de Olavo Bilac), etc.

Oito sílabas: **Octossílabos** ou sáficos (também com pausas variadas)

Calça o pé, melindroso e leve... (pausas em 3, 6 e 8), etc.

Nove sílabas: **Eneassílabos** (ou gregoriano, ou jâmbico - também com pausas variadas)

Tu choraste em presença da morte? (3-6-9)

Dez sílabas: **Decassílabos** — Os versos decassílabos são os mais usados e existe entre eles diversas variações de ritmo, denominados:

Versos **heróicos** = Acentuação tônica na 6ª e 10ª sílabas, podendo ter mais uma ou duas sílabas tônicas complementares: *Alma minha gentil que te partiste* (Camões)

Versos **sáficos** = Acentuação tônica na 4ª, 8ª e 10ª sílabas:

Em prosa e verso fez meu louco intento (Bocage)

Martelo = Variação do verso heroico, com sílabas tônicas nas posições 3, 6 e 10:

Auriverde pendão de minha terra.

Gaita galega = Também chamado de **moinheira**. Tônicas nas 4ª, 7ª e 10ª sílabas:

Deixa a cidade, formosa morena

Anapéstico – 2º tempo na sétima, ou na sétima e também na primeira;

Datílico – Combinação de uma sílabalonga com duas breves.

Pentâmetro jâmbico = Acentuação tônica na 2ª, 4ª, 6ª, 8ª e 10ª sílabas. Apresenta tonicidade em todas as sílabas pares, num misto entre heroico e sáfico:
Sem pai nem mãe, sem pão, sem chão, sem lar;

Onze sílabas: **Hendecassílabos** ou datílicos (com acentos variada)
Eu quero aquecê-lo nos gozos do inferno (2-5-8-11)

Doze sílabas: **Dodecassílabos** e **Alexandrinos** (Existe uma diferença entre os versos de doze sílabas e os **alexandrinos**, também de doze sílabas.

Mais de doze sílabas: **Bárbaros**

Exemplo de soneto heroico:

Casinha de Boneca

José Antonio Jacob
(Juiz de Fora, MG – 1950-...)

Um dia ela guardou os seus segredos,
Pois que sentiu que o amor ao longe vinha,
Trancou no quarto todos seus brinquedos
E o sonho da boneca e da casinha.

E foi buscar aquilo que não tinha
No alegre faz de conta dos seus dedos,
Contou tristezas e chorou sozinha,
Depois sorriu das mágoas e dos medos.

Passou o tempo e ela seguiu a sina.
E assim, com a decência que ilumina,
Também andou por onde o mal caminha...

Quanta ternura tem essa velhinha,
Que fica no seu quarto de menina,
Brincando de boneca e de casinha!

Exemplo de soneto sáfico:

Os Cisnes

Júlio Salusse
(Rio de Janeiro, RJ – 1872-1948)

A vida, manso lago azul, algumas
Vezes, algumas vezes mar fremente,
Tem sido, para nós, constantemente,
Um lago azul, sem ondas, sem espumas.

Sobre ele, quando, desfazendo as brumas
Matinais, rompe um sol vermelho e quente,
Nós dois vagamos, indolentemente,
Como dois cisnes de alvacentas plumas.

Um dia, um cisne morrerá, por certo:
Quando chegar esse momento incerto,
No lago, onde talvez a água se tisne,

Que o cisne vivo, cheio de saudade,
Nunca mais cante, nem sozinho nade,
Nem nade nunca ao lado de outro cisne!...

Versos em gaita galega (ou moinheira [4-7-10])

CHUÁ CHUÁ (Pedro de Sá Pereira e Ary Machado Pavão)

Deixa a cidade formosa morena / Linda pequena e volta ao sertão / Beber a água da
fonte que canta / Que se levanta do meio do chão

Se tu nasceste cabocla cheirosa / Cheirando a rosa do peito da terra / Volta prá vida
serrena da roça / Daquela palhoça do alto da serra

Soneto monostrófico - História Antiga - Raul de Leoni (Petrópolis – 1895-1926)

No meu grande otimismo de inocente
Eu nunca soube por que foi... Um dia,
Ela me olhou indiferentemente;
Perguntei-lhe por que era... Não sabia...
Desde então, transformou-se, de repente,
A nossa intimidade correntia
Em saudações de simples cortesia
E a vida foi andando para a frente...
Nunca mais nos falamos... vai distante...
Mas, quando a vejo, há sempre um vago instante
Em que seu mudo olhar no meu repousa...
E eu sinto, sem no entanto compreendê-la,
Que ela tenta dizer-me qualquer cousa,
Mas que é tarde demais para dizê-la...

A seguir, poema de Luís Lisboa, poeta maranhense, um notável exemplo de técnica, evidenciando a perfeição na forma, através da métrica, da rima e do ritmo do soneto **decassílabo sáfico**.

O detalhe, não menos importante, é que a maioria das palavras utilizadas foram “inventadas” por ele mesmo, não existem em qualquer dicionário da língua portuguesa.

SONETO (Luís Lisboa)

*Tu és o quelso do pental ganírio
saltando as rimpas do fermim calério,
carpindo as taipas do furor salírio
nos rúbios calos do pijón sidério.*

*És o bartólio do bocal empírio.
Que ruge e passa no festão sitério,
em ticoteio de partano estírio,
rompendo as gambas do hartomogenério.*

*Teus lindos olhos, que têm barlacantes,
são camensúrias que carquejam lantes
nas duras péleas do pegal balônio;*

*são carmentórios de um carcê metálico,
de lúrias peles, em que buza o bálico
em vertimbáceas do cental perônio.*

8. SONETO, o verso alexandrino —

Os versos alexandrinos remontam — segundo alguns dicionários da língua portuguesa — a uma obra francesa do século XII chamada *Le Roman d'Alexandre le Grand*. Seu nome é uma alusão ao nome do herói. É o verso mais difícil da língua portuguesa, dado às particularidades de sua elaboração. Tornou-se mais adotado na época do Parnasianismo brasileiro, devido às influências do movimento homólogo francês. Sua escansão possui algumas regras básicas:

8.1) O verso alexandrino possui, na sua composição dois hemistíquios, ou seja, dois meio-versos de seis sílabas métricas cada.

8.2) As sílabas tônicas devem ocupar as posições 6 e 12, determinando o RITMO (outras marcações secundárias do ritmo também são possíveis mas a presença da tônica na 6ª e 12ª sílabas poéticas, é obrigatória). Exemplo:

*No vórtice pagão dos teus carnaís amores
Em ti filosofando, a minha alma interpreta (Hernani Schmitt)*

8.3) A sexta sílaba (primeiro hemistíquio) deve ser a última sílaba de uma palavra oxítone ou, se a palavra for uma paroxítone, esta deve terminar em vogal e a primeira palavra do hemistíquio seguinte deverá iniciar-se com vogal átona para fazer a elisão (junção dos meio-versos num verso só).

*Deixo e vou vê-la em meio aos altos muros seus.
Sai de lá uma prece elevando-se aos céus; (Alberto de Oliveira)*

8.4) O 1º HEMISTÍQUIO é o espaço compreendido da 1ª até a 6ª sílaba poética (entendida como ponto de CESURA). Logo após a cesura dá-se início ao 2º hemistíquio) utilizando-se de palavra proparoxítone ou paroxítone com a terminação em consoante.

8.5) O Verso Alexandrino é formado de dois versos de seis sílabas poéticas cada, formando assim, um verso maior de doze sílabas poéticas.

Com a elisão ou utilização de palavra oxítone a regra de dois hemistíquios é mantida. Todavia, se utilizarmos a proparoxítone, ao término do primeiro hemistíquio, quebraremos a regra do alexandrino, pois, após a tônica do primeiro hemistíquio (ponto de cesura) já estaremos escrevendo o segundo hemistíquio.

8.6) Não é certo utilizar, também, no Verso Alexandrino, quando do término do 1º hemistíquio, palavras paroxítonas terminadas por consoantes pluralizadas ou não (fácil, fáceis) nem as desinências verbais (cantamos, partiremos). Vejamos dois exemplos:

Exemplo 1) verso dodecassílabo não-alexandrino

A-do-ro - mui-to a i-**MA**-gem – a-le-gre – de um – **AN**-jo (tônicas sílabas 6 e 12)

A palavra IMAGEM **impede** o início do 2º hemistíquio logo após a tônica do 1º hemistíquio. A sílaba GEM está na divisão dos dois hemistíquios, entretanto, ela não pode elidir com a primeira sílaba do 2º hemistíquio. Fica assim o 2º hemistíquio com apenas 5 (cinco) sílabas poéticas, o que bem já sabemos impede a existência dos 2 (dois) versos menores de 6 (seis) sílabas poéticas formadores do Verso Alexandrino.

Exemplo 2) verso dodecassílabo alexandrino

A-do-ro - mui-to o – **RI**-so, a a-le-gri-a – de um – **AN**-jo (tônicas sílabas 6 e 12)

A palavra RISO **não impede** o início do 2º hemistíquio logo após a tônica do 1º hemistíquio. O 2º hemistíquio começando com vogal, permite manter os dois hemistíquios, porque a sílaba final da palavra RISO se elide com a primeira sílaba da palavra ALEGRIA formando a sétima sílaba poética do verso (ou a primeira do 2º hemistíquio). A regra da elisão mantém a sonoridade do verso, sem quebras no ritmo, o que pode ser observado ao fazermos a leitura em voz alta do verso.

8.7) É aconselhável criar dois versos com sentido completo, um em cada hemistíquio, para ser mais belo o soneto. Reparemos no Verso Alexandrino as divisões da pronúnciação e o sentido completo de cada hemistíquio. Lemos este Verso Alexandrino com uma pausa central na cesura, observando claramente dois versos distintos formando outro maior, o Alexandrino. No verso apenas dodecassílabo as divisões da pronúnciação provocam várias pausas, ocasionando quebras do ritmo no verso sem que consigamos ler o verso continuamente.

Para finalizar este tópico, reproduzo as palavras do poeta Alexandre Tambelli, sobre a arte da escansão de versos:

“Existe a questão mais complexa, que é a divisão das sílabas poéticas. Só se consegue um aprendizado dela com continuadas leituras dos poetas clássicos e no exercício contínuo da escansão. Ela, além de difícil, tem nuances conforme o tempo literário, o falar de cada região, e o poeta dando maior ou menor rigidez ao ritmo do poema. O talento do poeta não se faz apenas pelo conhecimento das regras poéticas, existe também um dom natural, o conteúdo a ser veiculado e a criatividade, dentre outras coisas. Com o estudo e a prática teremos um alicerce mais seguro para a criação poética de qualidade.” — Alexandre Tambelli

A seguir, exemplo de soneto alexandrino.

A Casa da Rua Abílio (Alberto de Oliveira)

*A casa que foi minha, hoje é casa de Deus.
Traz no topo uma cruz. Ali vivi com os meus,
Ali nasceu meu filho; ali, só, na orfandade
Fiquei de um grande amor. Às vezes a cidade*

*Deixo e vou vê-la em meio aos altos muros seus.
Sai de lá uma prece, elevando-se aos céus;
São as freiras rezando. Entre os ferros da grade,
Espreitando o interior, olha a minha saudade.*

*Um sussurro também, como esse, em sons dispersos,
Ouvia não há muito a casa. Eram meus versos.
De alguns talvez ainda os ecos falaram,*

*E em seu surto, a buscar o eternamente belo,
Misturados à voz das monjas do Carmelo,
Subirão até Deus nas asas da oração.*

9. SONETO, rimas —

9.1) Definição

Rima é a repetição de sons iguais ou semelhantes geralmente no final de dois ou mais versos, ou seja, é a repercussão da vogal tônica na última palavra dos versos. Também pode ocorrer a rima no início ou no meio do verso seguinte em relação ao final do verso precedente, ou, ainda, a harmonia de sons em palavras dentro do mesmo verso. Na poesia, as **rimas** conferem musicalidade ao poema.

As rimas podem ser classificadas quanto à fonética, quanto ao valor, quanto à acentuação e quanto à posição no verso e na estrofe.

9.2) Classificação

- Classificação quanto à fonética

- **Rima perfeita** (soante ou consoante): quando há correspondência total de sons, havendo repetição tanto dos sons vocálicos como dos sons consonantais.
Ex.: falado/cantado; / presente/ausente; / particularidade/dificuldade.

Também pode ocorrer a **rima soante** com a simples correspondência de sons após a vogal tônica. Exemplos: *face, falasse.*

Igualmente, podem ser admitidas como **soantes** as rimas nos seguintes casos:

- vogal aberta com vogal fechada: *bela, estrela*.
- ditongo com vogal fechada ou aberta: *beijo, desejo: beijo, Tejo*.
- simples semelhança de sons: *azuis, luz; etérea, matéria; espólio, molho (ó)*.

➤ **Rima imperfeita:** Em que apenas há correspondência parcial de sons. Pode ser toante ou aliterante. (ex.: *domingo/cachimbo*).

— Rima **toante** (ou assonante): Em que há apenas a repetição dos sons vocálicos. Ex.: *boca/moça; pálida/lágrima; plátano/cálamo*.

— Rima **aliterante:** Em que há apenas a repetição dos sons consonantais. Ex.: *fez/faz; lata/luto; medo/moda*.

- Classificação quanto ao valor

➤ **Rima pobre:** Quando as palavras que rimam pertencem à mesma classe gramatical. Ex.: *gato/pato; correr/fazer; amarelo/singelo*.

➤ **Rima rica:** Quando as palavras que rimam pertencem a diferentes classes gramaticais. Ex.: *noz/veloz; altar/desenhar; pente/surpreendente*.

➤ **Rima rara ou preciosa:** Quando as palavras que rimam possuem terminações incomuns, pouco utilizadas, como combinações entre verbos e pronomes. Ex.: *estrelas/vê-las; mandala/dá-la; parabéns/vinténs; profícuo/conspícuo*.

- Classificação quanto à acentuação

➤ **Rima aguda** (ou masculina): Que ocorre entre palavras oxítonas. Ex.: *céu/chapéu; cantor/pintor; coração/animação*.

➤ **Rima grave** (ou feminina): Que ocorre entre palavras paroxítonas. Ex.: *cedo/medo; agora/embora; metade/amizade*.

➤ **Rima esdrúxula:** Que ocorre entre palavras proparoxítonas. Ex.: *célula/cédula; armário/salário; propósito/leucócito*.

- Classificação quanto à posição no verso

➤ **Rima externa:** Que ocorre no fim do verso.

*“E em louvor hei de espalhar meu **canto**
E rir meu riso e derramar meu **pranto**” (Vinícius de Moraes)*

- **Rima interna** (ou coroada): Que ocorre no interior do verso.

*“A **bela bola** do Raul
Bola amarela” (Cecília Meireles)*

- Classificação quanto à posição na estrofe

- **Rimas interpoladas** (opostas, intercaladas ou abraçadas): Combinam-se numa ordem oposta, seguindo o esquema ABBA.

*“De tudo, ao meu amor serei **atento** **A**
Antes, e com tal zelo, e sempre, e **tanto** **B**
Que mesmo em face do maior **encanto** **B**
Dele se encante mais meu **pensamento**.” **A** (Vinícius de Moraes)*

- **Rimas alternadas** (cruzadas ou entrelaçadas): Combinam-se alternadamente, seguindo o esquema ABAB.

*“O meu amor não tem **A**
importância nenhuma, **B**
Não tem o peso nem **A**
de uma rosa de espuma!” **B** (Cecília Meireles)*

- **Rimas emparelhadas** (ou paralelas): Combinam-se de duas em duas, seguindo o esquema AABB.

*“Vagueio campos **noturnos** **A**
Muros **soturnos** **A**
Paredes de **solidão** **B**
Sufocam minha **canção**.” **B** (Ferreira Gullar)*

- **Rimas encadeadas**: Quando as palavras que rimam se situam no fim de um verso e no início ou meio do outro.

*“Salve Bandeira do Brasil querida
Toda tecida de esperança e luz
Pálio sagrado sobre o qual palpita
A alma bendita do país da Cruz” (Francisco de Aquino Correia)*

- **Rimas misturadas** (ou mistas): Quando apresentam outras combinações e posições na estrofe, sem esquemas fixos.

*Vou-me embora pra **Pasárgada**
Aqui eu não sou **feliz**
Lá a existência é uma **aventura**
e tal modo **inconsequente... etc.** (Manuel Bandeira)*

- **Rimas coroadas** (rimas de palavras dentro de um mesmo verso)
(A-A...B-B C-C...D E-E...F-F G-G...D)

"Donz**ela** **bela**, que me insp**ira** **lira**
Um **canto** **santo** de fervente amor
Ao **bardo** **cardo** de trem**enda** **senda**

- **Rimas aliterantes** (repetição de fonemas idênticos ou semelhantes no início, meio ou fim das palavras dentro de um ou mais versos)

"Vozes, **vel**adas, **vel**udosas, **vo**zes
Volúpias dos **vi**olões, **vo**zes **vel**adas
Vagam nos **vel**hos **vó**rtices **vel**ozes
Dos **ven**tos, **vi**vas, **vâ**s, **vul**canizadas." (Cruz e Souza)

- **Versos brancos** (ou soltos): São versos que não rimam com nenhum outro verso.

"Uma palavra **caída**
das montanhas dos instantes
desmancha todos os mares
e une as terras mais distantes..." (Cecília Meireles)

9.3) Considerações finais sobre Rimas

- O exemplo clássico de soneto, denominado também de **CAMONIANO**, porque era o modelo usado por Camões, segue as diretrizes:

- versos decassílabos;
- rima interpolada (ABBA) nos quartetos;
- rima cruzada (CDC DCD) nos tercetos.

- Já que os versos são normalmente metrificados e rimados, o mais radical experimentalismo sofrido pelo soneto foi o **VERSO BRANCO**, que acontece na poesia moderna, ou seja, versos não rimados. Soma-se a este radicalismo, o **VERSO LIVRE**, isto é, não metrificado.

- Outras transformações têm ocorrido, tais como a ampliação para dezessete versos pela adição dum terceiro terceto ou **ESTRAMBOTE** (século XVII).

- A título de curiosidade apresentamos uma estatística sobre esquema de rimas no soneto, efetuada numa amostragem de 322 sonetos desde o século XVII até o século XX.

SONETOS — Estatística sobre ocorrência no esquema de rimas

QUARTETOS			>	TERCETOS		
RIMA	QUANT	PERC		RIMA	QUANT	PERC
ABBA - ABBA	186	58%		CDC - DCD	156	48%
ABAB - ABAB	44	14%		CCD - EED	77	24%
ABBA - BAAB	34	10%		CDC - EDE	34	11%
ABAB - BABA	18	6%		CDE - CDE	13	4%
ABBA - CDDC	9	3%		EEF - GGF	9	3%
total	291	91%		total	289	90%
outros	31	9%		outros	33	10%

BIBLIOGRAFIA: — Coletânea “Sonetos Brasileiros”, org. Laudelino Freire, ed. F. Briguiet & Cie., Rio de Janeiro, RJ, 1913 (escolas desde o século XVII até o século XX – 250 sonetos).

— Coletânea “Sonetos de Amor e Desamor”, org. Ivan Pinheiro Machado, ed. L&PM, Porto Alegre, RS, 2016 (72 sonetos).

10. SONETO INGLÊS —

O Soneto Inglês (ou, soneto shakespeariano) tem um conjunto de 14 versos, dispostos numa única estrofe (monostófico), com um dístico final, separado por um espaço (parágrafo). Enquanto os doze primeiros versos desenvolvem o tema, o dístico final, denominado pelos ingleses de “couplet”, concluem a ideia do poema. Segundo Vasco de Castro Lima, “Shakespeare (1564 -1616), na Inglaterra, adotou essa invenção de Thomas Wyatt (1503 - 1542), ou Henry Howard, Conde de Surrey (1517 - 1547).

A **combinação rítmica** segue o arranjo **abab cdcd efef gg**:

A seguir, **Soneto Nº 1**, do poeta Manuel Bandeira, no estilo de soneto inglês (do livro *Estrela da Vida Inteira - poesias reunidas*, Livraria José Olímpio Editora, 1986):

Quando a morte cerrar meus olhos **duros** **A**
 – Duros de tantos vãos **padecimentos**, **B**
 Que pensarão teus peitos **imatu**ros **A**
 Da minha dor de todos os **momentos**? **B**
 Vejo-te agora **alheia**, e tão **distante**: **C**
 Mais que distante – **isenta**. E bem **prevejo**, **D**
 Desde já bem **prevejo** o exato **instante** **C**
 Em que de outro será não teu **desejo**, **D**
 Que o não terás, porém teu **abandono**, **E**
 Tua nudez! Um dia hei de ir **embora** **F**
 Adormecer no derradeiro **sono**. **E**
 Um dia chorarás... Que importa? **Chora**. **F**
 Então eu sentirei muito mais **perto** **G**
 De mim feliz, teu coração **incerto**. **G**

ESCOLAS LITERÁRIAS BRASILEIRAS		
ERA COLONIAL (Influência da literatura portuguesa)	QUINHENTISMO (de 1500 a 1601)	
	BARROCO (de 1601 a 1768)	
	ARCADISMO (de 1768 a 1808)	
Período de Transição (de 1808 a 1836)		
ERA NACIONAL	ROMANTISMO (1836 a 1881, caracterizada pelo indianismo, pelo nacionalismo e pela religiosidade)	
	REALISMO (1881 a 1893, linguagem objetiva, temática social)	NATURALISMO (linguagem mais coloquial)
		PARNASIANISMO (A arte pela arte, culto à forma, a perfeição estética)
	SIMBOLISMO (1893 a 1922, subjetivismo, espiritualidade, misticismo)	
	MODERNISMO (1922 a 2022, renovação estética e linguística, experimentações)	PRÉ-MODERNISMO (ruptura do academicismo)
		MODERNISMO
		PÓS-MODERNISMO

10. SONETO, considerações finais —

PETRARCA foi o grande adepto e divulgador do soneto clássico, no esquema de rimas ABBA ABBA CDC DCD. Modelo que ficou consagrado como “soneto petrarquiano”. Desde “Il Canzonieri”, de 1470, primeira edição dos sonetos de Petrarca, o gênero poético vem atravessando os séculos e, revigorado pelo movimento Parnasiano na literatura ocidental, por volta de 1860, chegou até os dias atuais, com toda sua exuberância e sensibilidade.

Vasco de Castro Lima (1905 – 2004), poeta, grande sonetista brasileiro, em seu compêndio de mais de 100 páginas “O Mundo Maravilhoso do soneto”, diz: “com o correr do tempo, a rigidez na ordem das rimas deixou de ser uma obrigatoriedade, embora jamais fosse abolido o dever de se utilizar o mínimo de quatro e o máximo de cinco rimas, em todo o poema. Fora disso, tudo pode ser, até ser poesia, mas não é soneto clássico.”

João Roberto Gullino, conceituado poeta carioca, nascido em 1933 e residindo atualmente na cidade serrana de Petrópolis (RJ), refere-se, em seu livro “A Respeito do Soneto”, de 2021, às tentativas de modernização do soneto, como tendo por resultado nada mais do que uma “prosa esquartejada”, nunca soneto clássico.

BIBLIOGRAFIA

- 1 — Gullino, João Roberto : “Vamos Falar de Soneto?”; Academia Brasileira de Poesia/Casa Raul de Leoni; Petrópolis, RJ, 2008.
- 2 — CAMPOS, Geir. Pequeno dicionário de arte poética. Rio de Janeiro: Ediouro, 1960.
- 3 — Duarte,, Sérgio: Revista de Cultura Estado da Arte, São Paulo, SP, 2021.
- 4 — Paiva Rosa, Érica: “Soneto”; *site* Todo Estudo, Maringá, PR, 2022.
- 5 — Agostinho Silva, Daniele Cristina: “Soneto”, PUC-SP, 2012 .
- 6 — Wikipédia, a enciclopédia livre: “Soneto”, 2022.
- 7 — Neves, Flávia; *site* “Norma Culta da Língua Portuguesa”, 2022.
- 8 — Souza, Warley; “Parnasianismo no Brasil”, 2022.
- 9 — Fernandes, José Augusto; “Dicionário de Rimas”, 9ª edição, 2003, ed. Record, Rio de Janeiro, RJ.
- 10 — Vasco de Castro Lima, “O Mundo Maravilhoso do Soneto”, Livraria Freitas Bastos, Rio de Janeiro, 1987